

JORNALISMO E PESQUISA – A TRAJETÓRIA INTELLECTUAL DE CARLOS EDUARDO LINS DA SILVA

MÔNICA MACEDO *
EDGAR REBOUÇAS **

RESUMO

Este texto faz parte de um conjunto de trabalhos, cujo objetivo é sistematizar as idéias do grupo de pesquisadores da Escola Latino-americana de Comunicação, no conceito de Marques de Melo (1998). Analisa-se aqui a trajetória intelectual de Carlos Eduardo Lins da Silva, um jornalista e pesquisador brasileiro, pertencente à geração dos chamados «renovadores» da pesquisa em comunicação no Brasil. Conhecido pela atuação na grande imprensa, Lins da Silva foi também professor universitário, tendo o título de livre-docente pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. Atualmente, é chefe da sucursal, em Brasília, do jornal *Folha de S. Paulo*.

Primeiros passos no jornalismo

Carlos Eduardo Lins da Silva nasceu no dia 31 de outubro de 1952, na cidade de Santos, litoral paulista. Filho de classe média, teve sua formação fundamental e média¹ em escolas particulares e públicas da região, durante toda a década de 60². O período foi marcado por profundas transformações no panorama político e social brasileiro, com a renúncia de um

* Universidade Metodista de S.Paulo.

** Universidade Federal do Espírito Santo.

¹ Na época chamada de primária, ginasial e colegial.

² Adolpho QUEIROZ, Carlos Eduardo Lins da Silva: um renovador na pesquisa de comunicação na América Latina, In: *Comunicação & Sociedade*, n. 25, São Bernardo do Campo, p. 211.

presidente da República, a deposição de outro por um golpe militar, a morte de um terceiro por causas ainda não muito bem explicadas pela história, em meio à bossa nova, à jovem guarda, à tropicália e à MPB, cinema novo, reformas de base, TFP, torturas e AI-5.

O jovem Lins da Silva, guiado por toda essa movimentação que marcou a passagem de sua infância para a adolescência, resolve estudar Sociologia e é aprovado na Universidade de São Paulo (USP) em 1971, mas em 1973 opta pelo campo da Comunicação Social e se transfere para o curso de Jornalismo da Faculdade Cásper Líbero.

Começou sua carreira de jornalista como repórter, aos 19 anos, em dois jornais da capital paulistana – o *Diário da Noite* e *Diário de São Paulo* – enquanto ainda estudava na Faculdade Cásper Líbero. Havia também começado o curso de Ciências Sociais (em 1971), na Universidade de São Paulo, mas diante da inegável inclinação para o jornalismo, e provavelmente da dificuldade de conciliar todas as atividades universitárias com as de repórter, deixou o curso inconcluso.

Formou-se em 1973 e voltou para sua cidade natal, Santos, onde ainda mantinha vários e importantes vínculos. Passou a trabalhar como sub-editor de Educação da *Tribuna de Santos*, pertencente aos Diários Associados, e redator do suplemento *Jornal de Domingo*, do *Diário de São Paulo*.

Mas o que mais marcaria esse período seria sua ligação com o movimento ecológico, que o engajaria na luta política e na defesa de um jornalismo comprometido com o esclarecimento do público sobre os efeitos diretos de problemas ecológicos em sua saúde e seu cotidiano. Na época, a ecologia apenas começava a ganhar espaço nos meios de comunicação no Brasil, mas encontrava na baixada santista um ponto crítico, com a poluição das grandes indústrias químicas de Cubatão e do porto de Santos. O contato direto com as comunidades da região chamou a atenção de Lins da Silva para o modo como percebiam e interpretavam o que era veiculado pelos meios de comunicação de massa. Suas observações eram basicamente informais, mas o levariam depois a se dedicar ao estudo dos processos de recepção, culminando em sua tese de doutorado sobre a audiência do *Jornal Nacional* entre trabalhadores de duas comunidades, uma no litoral do Rio Grande do Norte e outra no Guarujá (SP).

Já nos agradecimentos de seu livro *Muito além do Jardim Botânico*, resultado da tese de doutorado, o autor mostra sua intenção de aproximar o mundo acadêmico da realidade social – da mesma forma que pretendia com o Jornalismo em seu primeiro aprofundamento teórico – quando fala que espera que a contribuição dos moradores do bairro Lagoa Santa à pesquisa «seja revertida, de alguma forma, para o benefício concreto de seus companheiros trabalhadores e não sirva apenas para que um intelectual a mais ascenda em sua carreira universitária, como costuma ocorrer

quase todas as vezes em que o 'povo' é objeto do trabalho acadêmico de alguém no Brasil»³.

Por conta da militância ecológica, Lins da Silva editou ainda *Raízes – um jornal de resistência ecológica*, em 1977, e foi co-fundador do Centro de Estudos Ecológicos de Santos, em 1978.

Nesse meio tempo, entre 1975 e 1976, ganhou uma bolsa de mestrado da CAPES/Fullbright, que lhe permitiu aprofundar seus estudos sobre jornalismo ambiental nos EUA, onde o tema era destaque no noticiário há vários anos e já se havia convertido numa verdadeira subespecialização do jornalismo científico nas redações dos principais jornais, além de atrair o interesse de pesquisadores da comunicação norte-americanos (Lins da Silva, 1982). Foi também uma época em que pôde aprimorar seus estudos teóricos, lendo mais sistematicamente autores como Wilbur Schramm, Donald Roberts, David Rubin, David Sachs, Peter Sandman, Nathan Mac-coby, William Witt e outros.

De sua estadia no Departamento de Comunicação da Michigan State University resultou a dissertação *Mass Media and Environmental Affairs, a case study in Santos, Brazil*. Nesse trabalho, Lins da Silva amadurece sua reflexão sobre o papel social do jornalismo, particularmente sobre sua ação em relação a problemas emergentes como a poluição ambiental e a diversidade biológica.

Em «Jornalismo e Ecologia» – texto baseado em sua dissertação – faz uma revisão da teoria do *agenda setting*, questionando a tese de pesquisadores como Schramm (1971) e Roberts (1971) de que os meios de comunicação têm o poder de determinar os assuntos mais importantes para a população, de acordo com o maior ou menor espaço que lhe dedicam diariamente. Embora concorde com a idéia de que, no caso do jornalismo ambiental, a mídia tenha colaborado para criar «o clima necessário» para que mais pessoas passassem a se preocupar com questões como poluição e ecologia, argumenta que Schramm e Roberts superestimam a capacidade dos meios de comunicação, pois a definição da pauta está atrelada a fatores mais complexos, muitos dos quais escapam ao controle da própria mídia.

Nesse sentido, prefere a abordagem de Rubin e Sachs (1973) que, ao analisarem a explosão de informações sobre meio ambiente na imprensa norte-americana em 1969, salientam que ela não foi casual ou simplesmente fruto da ação deliberada dos jornais e televisões, mas também resultado de um conjunto de características que tornavam a sociedade receptiva ao assunto. Por exemplo, a desilusão mais ou menos generalizada com a qualidade de vida nos subúrbios, para onde milhares de norte-americanos

³ Carlos Eduardo Lins da SILVA, *Muito além do Jardim Botânico*, p. 18.

havam «fugido», em busca de sossego e ar puro, mas onde acabaram por encontrar quase tanta poluição e trânsito quanto antes, passando a se interessar cada vez mais por informações sobre os poluidores.

Conclui seu texto com a proposição de que é o interesse público, antes de mais nada, que motiva a maior ou menor presença de um tema na mídia. Em se tratando de um tema que interesse à população, a mídia pode até dar-lhe maior projeção, mas ele só continuará em evidência enquanto houver espectadores interessados.

Em um texto escrito mais tarde, em 1982, explicita a noção de «jornalismo voltado à ação», reforçando a tese de que a discussão sobre os meios de comunicação não pode se restringir à análise da ideologia dominante. «Já é mais que passada a hora de os pesquisadores de comunicação se lançarem a campo para tentarem compreender como se dá a penetração dos meios de comunicação no interior das classes subalternas, ao mesmo tempo em que articulam um projeto político-cultural de intervenção neste processo e de disputa com a burguesia pelas principais áreas da comunicação social», afirma ⁴.

Trata-se, na verdade, de uma discussão que naquele momento extrapola os limites do jornalismo ambiental e diz respeito ao papel dos meios de comunicação de massa, como um todo na manutenção da estrutura de dominação nas sociedades capitalistas e na difusão da ideologia burguesa. Esse era o debate que envolvia a grande maioria dos intelectuais, nos anos 70 e início dos 80. Lins da Silva alinhava-se com aqueles que, embora trabalhando com uma perspectiva de análise «marxista» ⁵ da comunicação de massa, questionavam as teorias da Escola de Frankfurt, sustentando uma crítica à idéia de que os meios de comunicação de massa funcionavam como um corpo homogêneo e bem organizado, todo poderoso no controle

⁴ LINS DA SILVA, C. E. «Comunicação, Hegemonia e Contra-informação», In *Comunicação, Hegemonia e Contra-informação*, São Paulo, Cortez/INTERCOM, 1982, p. 23.

⁵ O marxismo foi o grande paradigma teórico dos intelectuais considerados de esquerda da área de ciências humanas, durante a década de 70. Embora originalmente Marx e Engels tenham tratado da economia e da política das sociedades capitalistas (além, é claro, de proporem o modelo teórico do comunismo), uma vasta gama de pensadores marxistas que lhes sucederam fizeram interpretações de suas proposições e aplicaram certos conceitos a outras áreas do conhecimento, como a linguagem (Nicholas Marr e seu opositor Mikhail Bakhtin, e outros) e a cultura (Gramsci, Althusser, Williams, Hobsbawn e outros). A partir dessas discussões, pesquisadores se valeram de conceitos teóricos marxistas para a compreensão, por exemplo, do fenômeno da comunicação de massa. No Brasil da ditadura militar, os intelectuais se batiam entre a «importação» das idéias de teóricos do Primeiro Mundo e a necessidade de analisar a situação dos países subdesenvolvidos, levando em conta o desenvolvimento particular do capitalismo nessa região. Dessa forma, o «marxismo» no Brasil foi um guarda-chuva que abrigou uma série de interpretações divergentes no interior da própria intelectualidade de esquerda.

da opinião pública e capaz de produzir sujeitos alienados, que aceitassem passivamente a ideologia dominante.

Comunicação, Hegemonia e Contra-informação (1982) propõe o estudo dos meios de comunicação de massa a partir do conceito teórico de *hegemonia*, sobretudo tal como enunciado por Gramsci (1978), que o estendeu à esfera cultural, embora não tenha tratado diretamente da mídia. Entre os pesquisadores de comunicação latino-americanos destacavam-se Michèle e Armand Mattelart (1979) e Nestor Garcia Canclini (1982). Visava-se a uma discussão não apenas no nível da superestrutura, da manutenção da ideologia dominante, mas principalmente no da organização da sociedade civil, revelando suas contradições e permitindo avaliar as possibilidades de luta contra a hegemonia burguesa. Explicitava-se aí uma postura de comprometimento da intelectualidade com um projeto político de intervenção na situação de dominação, através de mecanismos de contra-informação e de comunicação popular.

Início da carreira universitária

Voltando ao Brasil em 1976, depois de haver concluído seu mestrado nos EUA, Lins da Silva, então com 24 anos, começa a dar aulas em quatro faculdades simultaneamente: Faculdade Cásper Líbero, Instituto Metodista de Ensino Superior (IMS, atual UMESP), Universidade Católica de Santos (Unisantos) e ECA/USP.

A pesar do grande comprometimento com as atividades didáticas, manteve vínculos profissionais com o jornalismo (ainda que não com o jornalismo diário), atuando como redator e editor da revista trimestral *Cadernos de Comunicação Proal* e do jornal *Raízes* (do movimento ecológico em Santos). Era também o jornalista responsável pelo jornal-laboratório da Faculdade de Comunicação de Santos, *Entrevista*.

Através da Editora e Comunicações Proal (que publicava os *Cadernos de Comunicação* e da qual era diretor) Lins da Silva viria a conhecer Otávio Frias Filho, em 1978, quando organizou um debate entre o futuro diretor de redação da *Folha de S. Paulo* e Júlio César Mesquita. Cinco anos mais tarde, faria também uma entrevista com Frias Filho para a revista *Crítica da Informação* e, em 1984, por intermédio de André Singer, se tornaria seu Secretário de Redação, depois de uma rápida passagem pela *Agência Folha* e pela editoria de cidades do Jornal.

Conforme o envolvimento com atividades de pesquisa foi crescendo, deu início ao seu doutoramento na ECA, sob a orientação de José Marques de Melo, que se revelaria seu grande incentivador e com quem estabeleceria fortes laços de amizade.

Pouco depois, em 1979, mudou-se para Natal, na condição de professor visitante da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) que, no final da década de 70, havia instituído uma política de contratação de docentes com pós-graduação no exterior, visando a se estabelecer como centro de referência no cenário científico nacional. Foi um dos 200 professores visitantes contratados pela universidade em fins de 1978 e lá passou dois anos.

Seu objetivo inicial era poder dedicar-se à pesquisa de doutorado, que tratava da recepção de programas de TV entre trabalhadores de classes pobres ⁶. Porém, terminou fazendo mais do que isso. O período passado em Natal revelou-se um dos mais produtivos, tanto de sua carreira acadêmica quanto da militância política. Foi diretor-fundador da Associação dos Docentes da UFRN, um dos fundadores da Associação Nacional dos Docentes do Ensino Superior (Andes), editor do jornal *Salário Mínimo*, da Cooperativa de Jornalistas de Natal (Coojornat) e também um dos fundadores do PT em Natal ⁷. «Por duas vezes o reitor Diógenes da Cunha Lima me demitiu, devido à minha participação em greves de professores. Nas duas vezes, ele foi obrigado a me readmitir pela pressão de estudantes e professores» ⁸, lembra.

Quanto aos meios de comunicação, defende nesse momento a «teoria das brechas». Os trabalhadores deveriam ocupar e aprofundar os espaços que a indústria cultural oferecia às classes dominadas, fazendo com que mais mensagens favoráveis a si fossem veiculadas. Já os profissionais de comunicação, quando comprometidos com a luta pela superação das desigualdades sociais, deveriam ter uma formação de qualidade, que lhes permitisse ocupar melhor as brechas e colocar sua competência a serviço das causas populares. Desse modo, estariam colaborando para que o povo deixasse cada vez mais de aderir ao populismo, como única forma de ver atendidas suas necessidades mínimas (Lins da Silva, 1981).

⁶ Em um primeiro momento, tencionava tratar de toda a programação do horário nobre, mas depois definiu como objeto de pesquisa apenas o Jornal Nacional da Rede Globo.

⁷ Além disso, foi também presidente da comissão examinadora do exame de qualificação no Mestrado em Educação, coordenador do Curso de Especialização em Tele-radiojornalismo e ministrou diversas disciplinas na graduação (Sistemas de Comunicação no Brasil, Antropologia, Opinião Pública, Teoria da Comunicação).

⁸ Depoimento a Adolpho Queiroz, publicado em «Carlos Eduardo Lins da Silva: um renovador na pesquisa de comunicação na América Latina», *Comunicação e Sociedade*, n. 25, 1996, pp. 209-228.

Militância política e pesquisa-ação

Paralelamente a suas atividades políticas como presidente da Associação dos Docentes e da Coojornat, Lins da Silva conduzia sua pesquisa de doutorado com trabalhadores de Lagoa Seca, na periferia de Natal. Decidira centrar suas atenções na recepção de um único programa jornalístico, *Jornal Nacional* da Rede Globo, o de maior audiência no horário nobre em escala nacional.

O contato com os demais professores visitantes, principalmente os do Departamento de Antropologia⁹, propiciou a Lins da Silva um contato mais próximo com a linha de pesquisa desenvolvida pelos professores da chamada Escola de Birmingham, os estudos culturais. A forma como Richard Hoggart trabalha a abordagem sociológica norte-americana da recepção (consumo) de televisão em *As utilizações da cultura: aspectos da vida cultural da classe trabalhadora* é um dos pontos que mais chama sua atenção. O que mais atrai o autor é como ele coloca os conceitos funcionalistas tradicionais dentro de uma outra perspectiva, que, segundo Lins da Silva, «preocupa-se em discernir as experiências cotidianas que atualizam os produtos culturais mais consumidos pelas classes populares, em que medida tais produtos estão de acordo com ou modificam um sistema de atitudes sociais historicamente configurado e como as práticas culturais dos consumidores são capazes de resistir a uma universalização»¹⁰.

Ele também se apropria da metodologia desenvolvida por Michèle Mattelart e Mabel Piccini nos estudos realizados no Chile, com o título *La televisión y los sectores populares*, publicado em 1978, no número 2 da revista *Comunicación y cultura*, e *Chile: political formation and critical reading of television*, no livro de 1983, editado por Armand Mattelart e Seth Sieglaub, *Communication and class struggle: liberation, socialism* – esse último unicamente de Michèle Mattelart. Por intermédio delas, o pesquisador-jornalista vê que é possível romper com os pressupostos teóricos da Escola de Frankfurt, ao observar como as classes populares se apropriam das mensagens da televisão, decodificando o conteúdo, mesclando-o com os conteúdos de sua cultura popular, gerando assim uma nova interpretação das mensagens.

Para concretizar os fundamentos metodológicos que pretendia utilizar ao longo da pesquisa – e dos trabalhos futuros –, Lins da Silva se valeu da proposta de Michel Thiollent, que critica o modelo norte-americano, sugerindo a pesquisa-ação, com um referencial que se aproxima da observação participante dos antropólogos.

⁹ Seu orientador o havia aconselhado a ler Malinowski, mas este não é citado na bibliografia.

¹⁰ Carlos Eduardo Lins da SILVA, *Muito além do Jardim Botânico*, p. 46.

O uso de tal metodologia, com um híbrido do funcionalismo norte-americano, das bases frankfurtianas e dos estudos culturais, motiva Lins da Silva e o faz descobrir que pode aliar sua postura de cidadão ao papel de pesquisador, exatamente aquilo que ele defendia desde o início de sua trajetória. Tal postura é defendida quase em tom de discurso quando quer deixar claro que «esta não é uma tese que assuma o princípio da neutralidade da pesquisa científica. Ela foi realizada com objetivos acadêmicos e políticos bastante claros (...)». E continua: «O cientista social não é um ser excluído da vida social, ele possui convicções ideológicas, toma posições políticas e, por mais que invoque a sagrada neutralidade universitária, jamais conseguirá colorar-se, e ao seu trabalho, fora desta realidade»¹¹. Em outro ponto do livro, ele é ainda mais categórico: «É preciso que o investigador se afunde na vida das pessoas cujas reações pretende conhecer (...)»¹².

No primeiro parágrafo da justificativa de sua metodologia, o autor cita um trecho do livro *La Investigación*, de Héctor Scmucler: «quer o cientista goste ou não, sempre sua ciência se vincula a uma política, e, queira ou não, toda política condiciona uma ciência»¹³. Estava assumida a postura de estudos que marcaria toda a obra de Carlos Eduardo Lins da Silva.

O pressuposto básico da pesquisa era que o *Jornal Nacional* (como caso exemplar do jornalismo da indústria cultural) não podia ser estudado apenas pela análise do conteúdo das mensagens que veiculava, supondo homogeneidade na maneira como o público as interpretava – coisa que, diz ele, vários analistas já haviam feito, para provar a tese preconcebida de que os espectadores eram alienados e a mídia manipuladora. «Sem qualquer tipo de investigação metódica ou sistemática, a esquerda brasileira condenou o *Jornal Nacional* ao pelourinho e sua audiência – na verdade quase toda a população – à pecha da alienação»¹⁴, afirma em sua apresentação a *Muito além do Jardim Botânico*, resultado da tese, publicado em 1985.

A despeito da crítica às análises que condenavam o *JN*, seu objetivo não era provar o contrário: que o programa contribuía para o esclarecimento e mobilização da população, através de um jornalismo politicamente engajado. Lins da Silva não lhe negava a característica de produto da indústria cultural. Porém, esclarece que o sentido que atribui ao termo «indústria cultural» é diferente daquele que lhe atribuíram Horkheimer e Adorno (1978).

Embora considere correta a interpretação desses autores, de que a cultura, nas sociedades capitalistas modernas, tornou-se objeto de consumo destinado a conquistar um espaço no mercado assim como qualquer outro

¹¹ *Ib.*, *idem*, p. 49.

¹² *Ib.*, *idem*, p. 68.

¹³ *Ib.*, *idem*, p. 65.

¹⁴ LINS DA SILVA, C. E. *Muito além do Jardim Botânico*, p. 13.

produto, refuta a conotação «negativa» que a Teoria Crítica lhe incutiu, «escandalizando-se» com os efeitos da notícia produzida em escala industrial.

Por outro lado, não nega que os bens produzidos pela indústria cultural sejam de natureza diferente da meramente material. Na cultura de massas, o componente ideológico é elemento fundamental, porém não é independente da organização social que o produz, a qual, por sua vez, sustenta disputas e contradições que lhe conferem menos homogeneidade do que os teóricos da Escola de Frankfurt postularam. O que Lins da Silva condena é a «visão fatalista e monolítica» com que os seguidores da teoria crítica analisavam o fenômeno da comunicação de massa, atribuindo aos receptores um caráter de passividade e uniformidade na interpretação das notícias.

Nesse sentido, partiu para a observação direta da audiência do *Jornal Nacional* entre trabalhadores de uma comunidade pobre da periferia de Natal (aqueles, portanto, que estariam tipicamente na condição de «manipulados», por terem na cultura de massa o seu meio predominante de informação), visando observar suas reações e a maneira como percebiam a ideologia veiculada pelo jornal. Além disso, pretendia também interferir na comunidade, fazendo-a refletir sobre sua realidade e ajudando-a a conceber um produto jornalístico. Seu contato com eles (assim como também com a comunidade do Paicará, no Guarujá (SP), onde repetiria a mesma pesquisa) se deu através de dois estudantes de jornalismo que lhe pediram auxílio para colocar em prática o projeto de um jornal comunitário. Dessa maneira, começou a frequentar o local e a tomar contato com os moradores.

Contou também com a ajuda da esposa, Lúcia Araújo, que foi a «porta de entrada» na comunidade, já que o processo de aceitação pelos moradores (fundamental para o desenvolvimento da pesquisa participante) foi demorado e complexo. O papel-chave de Lúcia se deu sobretudo porque a audiência do *Jornal Nacional* em Lagoa Seca era basicamente uma audiência feminina e coletiva. As mulheres reuniam-se, muitas vezes, umas nas casas das outras para assistir à programação da televisão e aceitaram mais facilmente, no início, a presença de uma mulher.

Após alguns meses, Lins da Silva havia conquistado a confiança da comunidade, a ponto de poder testemunhar reações (suficientemente) espontâneas à audiência da televisão e levantar depoimentos dos moradores. Depois disso, fez o mesmo processo na comunidade do Paicará, que serviu de grupo de controle dos resultados obtidos em Lagoa Seca. Ao final, considerou ter encontrado informações suficientes para mostrar que qualquer pessoa, mesmo aquelas cuja consciência de classe não é plenamente desenvolvida, é capaz de ser crítica ante a programação televisiva, desde que tenha elementos complementares de representação do real (por exemplo, a cultura popular, as organizações comunitárias, o próprio ambiente de trabalho etc). E os trabalhadores os tinham.

«É claro que, no fim da pesquisa, os participantes não haviam se transformado em 'supercríticos' capazes de entender todo o processo de produção da cultura numa sociedade industrializada. (...) E a pesquisa-ação não é um curso rápido de 'como adquirir consciência crítica', mas sim um processo de interação social em que uma ou mais pessoas observam as idéias de outras em relação a um objeto (no caso ... o *Jornal Nacional*) e ao longo do qual observadores e observados aprendem uns com os outros e, espera-se, crescem como agentes sociais e pessoas»¹⁵. O estudo da audiência entre trabalhadores mostrou que o *Jornal Nacional* ajuda a reforçar pontos de vista anteriores e coerentes com os dele, porém não é poderoso o suficiente para fazer com que as pessoas mudem de opinião, simplesmente pelo que vêem e ouvem na televisão. Gostar do *Jornal Nacional* não significava deixar-se convencer por ele, sem qualquer questionamento ou confrontação com outros tipos de conhecimento disponível.

Uma questão metodológica que inquietou Lins da Silva em seu doutorado foi a necessidade de mudança do campo de sua pesquisa-ação. A passagem do bairro de Lagoa Seca para o de Paicarará, na periferia de Guarujá, foi mais por uma imposição circunstancial, já que não tinha mais condições institucionais de permanecer na Universidade Federal do Rio Grande do Norte, tanto era o seu posicionamento contra a reitoria.

A afinidade do autor com as raízes dos estudos culturais ingleses fica clara quando, em sua conclusão, se apropria dos conceitos desenvolvidos por Stuart Hall de codificação e decodificação da mensagem televisiva; e associa seus pensamentos ao de Clifford Geertz¹⁶, quando diz que o que é exibido na televisão não é apenas complexo como aparenta e que uma análise de tal estrutura força a reconstituição de uma multiplicidade de conexões referenciais entre o que é exibido e a realidade social em que o receptor está inserido.

Os resultados da tese fizeram como que o trabalho de Carlos Eduardo Lins da Silva se tornasse conhecido nacionalmente, no entanto, junto a muitos de seus colegas de militância política e do Partido dos Trabalhadores, a reação não foi das melhores. Como podia uma pessoa com posições tão claras em favor da sociedade dizer que o *Jornal Nacional* não mani-

¹⁵ LINS DA SILVA, C. E. *Muito além do Jardim Botânico*, p. 137.

¹⁶ Outros autores citados por Lins da Silva nesta obra são: Adorno e Horkheimer, Pierre Bourdieu, Herbert José de Souza, Florestan Fernandes, José Marques de Melo, Javier Esteinou Madrid, Joseph Straubhaar, Edwud Jay Epstein, Teun van Dijk, Thomas Whiteside, Berelson, Lazarsfeld e McPhee, Joseph Klapper, George Comstock, Hoggart, Ondina Fachel Leal, Michele Mattelart e Mabel Piccini, Michel Thiollent, Todd Gitlin, Hector Schmucler, Laclau, Jesus Maria Aguirre, Karl Marx, Marilena Chauí, Ecléa Bosi, Stuart Hall e Leslis Wilkins. Entre os criticados estão Sarah Chucid da Viá, Carlos Rodolfo de Améndola Ávila, Muniz Sodré e Gisela Taschner Goldstein.

pulava os trabalhadores? Como é que um produto da indústria cultural podia servir para informar ao povo, se tinha sido criado para servir as elites? O pesquisador-jornalista se sentiu injustamente acusado por aqueles antigos companheiros de que tinha uma compreensão equivocada – ou cega – da complexidade que envolve os meios de comunicação.

Do jornalismo engajado ao empresarial

Em 1981, Lins da Silva retorna a São Paulo, ainda sem haver concluído sua pesquisa de doutorado. Retoma as atividades na universidade (ECA / USP, IMS e Unisantos) e organiza a complementação da pesquisa no Paicará. Nos três anos seguintes, dá início a dois projetos laboratoriais: o da *Agência Brasileira de Divulgação Científica* (ABDC), no IMS, criada através de um convênio com o CNPq e o do *Jornal do Campus*, na ECA.

Juntamente com as atividades de pesquisa, foi editor das revistas *Crítica da Informação, Comunicação e Sociedade, Cadernos da Pós-graduação* e do *Boletim Intercom*. Em 1981, aos 29 anos, foi eleito vice-presidente da Intercom e, nos anos seguintes, membro do conselho fiscal e secretário-geral. Foi um período em que se dedicou principalmente às atividades acadêmicas, tendo publicado diversos artigos em periódicos científicos e de jornalismo especializado.

Em 1984 sua carreira sofreu uma guinada. Chegando à conclusão da tese de doutorado¹⁷, decidiu voltar a priorizar a profissão de jornalista, tendo conversado a respeito do assunto com André Singer, seu amigo e coordenador de artigos e eventos da *Folha de S. Paulo*. Singer comentou a conversa com Otávio Frias Filho, que já conhecia Lins da Silva, pois havia sido entrevistado por ele em 1983 para a revista *Crítica da Informação*. «Ao retornar de uma longa viagem de férias pela Europa (...) fui chamado para uma entrevista com Boris Casoy, num sábado à tarde, em março de 1984. Lembro-me que fiquei lá umas boas duas ou três horas, no que se tornaria o início de uma até hoje respeitosa e carinhosa relação de amizade com Casoy. Dias depois, fui chamado para começar a trabalhar como repórter da *Agência Folha*, sob a excelente direção de Adilson Laranjeira»¹⁸. Ficou na *Agência Folha* apenas algumas semanas e logo Casoy o chamou para ser editor de Cidades da *Folha de S. Paulo*. Em junho do mesmo ano,

¹⁷ A banca examinadora foi formada por José Marques de Melo (seu orientador), Anamaria Fadul, Ruth Cardoso, Michel Thiollent e Dulcília Buitoni.

¹⁸ Depoimento escrito a Adolpho Queiroz, publicado em «Carlos Eduardo Lins da Silva: um renovador na pesquisa de comunicação na América Latina», *Comunicação e Sociedade*, n. 25, 1996, p. 220.

foi convidado por Frias Filho para ocupar o posto de secretário de redação, no lugar de Luis Nassif, que se havia demitido.

Como secretário de redação, Lins da Silva participou da formulação e execução do plano que determinaria importantes modificações na *Folha de S. Paulo*, intitulado «Projeto Folha», introduzido por Frias Filho, quando assumiu a direção do jornal, em maio de 1984, no lugar de Boris Casoy. O «Projeto Folha» visava a mudar a concepção e a prática do jornalismo na empresa Folha da Manhã, modernizando a estrutura empresarial de produção e estabelecendo novas normas e padrões para a redação e gerência. Contrapunha-se, assim, à prática do que considerava um jornalismo amadorístico e pernicioso, pela falta de padrões de qualidade e profissionalismo e pelas relações que mantinha com o poder político e econômico, ao invés de assumir seu caráter comercial.

Nesse momento, Lins da Silva deixa de lado o envolvimento com o jornalismo comunitário e politicamente engajado, de que falava em *Muito além do Jardim Botânico*, e passa a tratar do jornalismo como negócio. Suas atenções estão voltadas a transformar o jornal num produto «de qualidade», que atenda aos interesses dos consumidores e seja vendável. No entanto, apesar de tratar-se de idéias bastantes distintas, não vê contradições entre as duas posições, pois considera estar discutindo dois tipos de jornalismo: um é o da grande imprensa, voltado à comercialização e ao lucro e dirigido ao grande público, e o outro é o jornalismo comunitário, voltado à integração e organização de determinados grupos sociais¹⁹. Negar a visão do jornalismo como produto comercial só contribui, segundo ele, para a baixa qualidade dos veículos. «(...) Os intelectuais de esquerda resistem à evidência de que jornalismo é negócio e, com isso, retardam a adoção de práticas que poderiam melhorar a qualidade do produto final»²⁰.

Sem ter se desligado do quadro docente da ECA e instigado por Marques de Melo, Lins da Silva fez da avaliação do «Projeto Folha» sua tese de livre docência, defendida em 1987, sob o título *Mil Dias – análise das mudanças no processo de produção da Folha de S. Paulo durante a implantação do 'Projeto Folha' (maio/1984-fevereiro/1987)*.

No trabalho, revela a crença num jornalismo «objetivo» e «profissional», feito a partir de um esquema moderno de produção empresarial, em que o repórter deve abandonar o amadorismo e o improvisado e seguir determinados padrões de conduta ética e técnica. Em linhas gerais, conclui que o «Projeto Folha» foi bem sucedido, o que se verificou pelo aumento das

¹⁹ Depoimento por telefone a Mônica Macedo, junho de 1999.

²⁰ LINS DA SILVA, C. E. *Mil Dias – análise das mudanças no processo de produção da Folha de S. Paulo durante a implantação do 'Projeto Folha' (maio/1984-fevereiro/1987)*. São Paulo, ECA/USP, 1987. (Tese de livre-docência), p. 8.

vendas do jornal e do número de anúncios, bem como pelo crescimento da empresa Folha da Manhã.

Em *Mil Dias...*, Lins da Silva considera a *Folha de S. Paulo* o exemplo pioneiro no Brasil de jornalismo profissional e objetivo, comprometido com a qualidade e com o papel de levar ao leitor todas as notícias, ainda que elas sejam contrárias à opinião do jornal, exercendo a liberdade de imprensa para garantir ao público o acesso a todo tipo de informação. Nesse modelo de jornalismo, considera qualquer controle da imprensa uma forma de cerceamento à liberdade de expressão. O que importa é garantir profissionalismo na produção das notícias, dissociando jornalismo de compromissos outros que não o do atendimento às demandas do mercado de consumo e a manutenção de um produto considerado de qualidade pelo público leitor ²¹.

Nas conclusões de *Mil Dias...*, Lins da Silva dá a entender – embora não explicitamente, deixando «a cada pessoa» a decisão – que «as técnicas e métodos do ‘Projeto Folha’ foram decisivas para o crescimento da empresa», que «é benéfica à sociedade a ampliação da influência política da *Folha*» e que se pode considerar «bom jornalismo» o que o jornal faz a partir das mudanças ²².

Retorno aos EUA

Já professor livre-docente da ECA,, e no cargo de Diretor de Planejamento e Recursos Humanos da empresa Folha da Manhã (ao qual havia sido promovido), Carlos Eduardo Lins da Silva, decide voltar aos EUA para um período de estudos no The Woodrow Wilson International Center for Scholars, em Washington D.C.

Nesse período, desenvolve uma pesquisa sobre como o jornalismo é praticado nos Estados Unidos, traçando uma perspectiva comparativa com a realidade brasileira. Ele analisou os quatro jornais norte-americanos que

²¹ A estrutura do «Projeto Folha» se assemelha às reformas que, de maneira geral, grandes empresas de vários setores fizeram, do final da década de 80 para cá. Programas como o de «Qualidade Total» buscam garantir o espaço de mercado para marcas ou produtos, através da implantação de novos padrões de medição da qualidade e de uma estrutura gerencial com poder descentralizado, que permita ao mesmo tempo um controle mais eficiente da produção. Portanto, o que move o Projeto da *Folha de S. Paulo* parece ser menos uma questão específica do jornalismo e mais um efeito da conjuntura econômica que levou a maior parte das empresas a redefinirem suas estruturas produtivas.

²² LINS DA SILVA, C. E. *Mil Dias – análise das mudanças no processo de produção da Folha de S. Paulo durante a implantação do ‘Projeto Folha’* (maio/1984-fevereiro/1987). São Paulo, ECA/USP, 1987. (Tese de livre-docência), p. 227.

considerava de maior prestígio: *New York Times*, *Washington Post*, *The Wall Street Journal* e *USA Today*, em relação aos quatro brasileiros: *Folha de S. Paulo*, *Estado de S. Paulo*, *Jornal do Brasil* e *O Globo*. Foi seu último trabalho mais aprofundado publicado. Se chamou *O Adiantado da Hora: a influência americana sobre o jornalismo brasileiro*, publicado em 1991, pela Summus.

Indo diretamente ao ponto que fez com que recebesse o maior número de críticas, o livro trata das diferenças existentes entre o modo «amador» de fazer jornalismo no Brasil, em comparação ao modo «profissional» dos Estados Unidos. Ele critica, por exemplo, a «enorme resistência entre os jornalistas brasileiros para aceitar que métodos de gerenciamento industrial dominem a rotina da produção de notícias»²³. Outro ponto é quando observa que no Brasil a linguagem jornalística é dirigida para as elites, enquanto que nos Estados Unidos é destinada para a massa. José Marques de Melo²⁴ criticou o caráter «quase maniqueísta» do estudo que vinha sendo desenvolvido, antes mesmo de sua publicação.

Manteve seus pontos de vista, apesar dos comentários explícitos daqueles a quem havia submetido o texto, inclusive o próprio apresentador do livro, Luis Carlos Azenha, e José Marques de Melo. Ambos sublinharam que o trabalho apresentava uma visão por demais benevolente para com a sociedade americana e condenatória da brasileira. Azenha o chama de «americanófilo» na apresentação, efetivamente publicada.

Tais comentários, Lins da Silva os expõe no prefácio do próprio livro e justifica a insistência em publicar o texto original: «Acho importante tentar compreender melhor como se dá a absorção do modelo que – para o melhor e para o pior – o jornalismo brasileiro adotou para si próprio». Não considera o modelo americano «seu» modelo, mas o modelo hegemônico no jornalismo brasileiro. Por isso, pensa ser relevante apresentar «uma reflexão não-piedosa sobre os vícios e desvios que aqui têm ocorrido, mesmo para quem não os considere como tais, e sim como virtudes ou qualidades»²⁵.

²³ Carlos Eduardo Lins da SILVA, *O adiantado da hora*, p. 139.

²⁴ Que, ao lado de Richard Morse e Raymond Williams, foi um dos que mais o influenciou neste trabalho.

²⁵ LINS DA SILVA, C. E. *O Adiantado da Hora: a influência americana sobre o jornalismo brasileiro*. São Paulo, Summus, 1991, p. 22.

Considerações finais

Enquanto estudava no Woodrow Wilson, Lins da Silva manteve-se correspondente internacional da *Folha de S. Paulo*, escrevendo regularmente para o jornal.

Voltou ao Brasil em 1992 e atualmente é Diretor da sucursal da *Folha* em Brasília. Publicou, em 1991, o livro *Perfis de Jornalistas*; em 1992, o artigo «Communication and transition to democracy in Latin America», numa coletânea organizada por Thomas Skidmore e, em 1994, ganhou o Prêmio Maria Moors Cabot, da Columbia University.

Se de suas contribuições para os estudos de comunicação na América Latina algo pode ser ressaltado, é a seriedade e a clareza com que escreve seus textos, afastando-se do estereótipo e do lugar comum, preferindo a via mais custosa, por isso mais responsável, da revisão bibliográfica extensiva e reflexiva. Além disso, sua disposição para investigar os fenômenos da comunicação de massa de forma minuciosa, demonstrada tanto no trabalho de doutorado quanto no estudo comparativo do jornalismo norte-americano e brasileiro, indicam singular rigor metodológico.

Talvez por esses motivos, de entre outros, Marques de Melo (1998) o considere um renovador dentro do que chama de Escola Latino-Americana de Comunicação.

Se tomássemos as três principais características que, segundo aquele autor, poderiam definir a presença de um pensador na lista do pensamento comunicacional latino-americano – «mestiçagem teórica», «hibridismo metodológico» e «determinação ética» –, Lins da Silva reuniria todos os requisitos necessários como um dos renovadores:

- Com seu sincretismo das metodologias funcionalistas, marxistas e dos estudos culturais abriu caminho para diversos pesquisadores da geração seguinte à sua, seguindo as possibilidades de uma inovação metodológica.
- A conscientização com as questões sociais fez com que se tornasse um exemplo de cidadania.
- Sua visão da comunicação como um produto comercial, apesar de ter criado uma série de desconfianças a seu respeito por parte dos mais sectários, fez com que, realmente, a qualidade da produção comunicacional brasileira passasse a ser observada com outros olhos.
- O mérito de estudar temáticas tão variadas e ligadas às questões sociais, trabalhando com as grandes mídias.

- Seu papel como grande proponente de hipóteses fez com que as ciências da Comunicação fossem mais analisadas por vários ângulos, nos últimos 20 anos.
- A indissociabilidade do rigor da pesquisa científica e da malemolência do jornalismo brasileiro, como criador de um estilo para toda uma nova fornada de estudiosos originários de escolas de Comunicação.
- E sua trajetória, passando do engajamento político ao pragmatismo, além da sua dupla face jornalista-pesquisador fizeram com que Carlos Eduardo Lins da Silva se tornasse um modelo de paradoxo a ser estudado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGUIRRE, J. M. – «Consciência ideológica e formação crítica da consciência de classe». *Comunicação e Sociedade*, ano III, n. 6, set/1981, pp. 37-54.
- CANCLINI, N. G. – «Para que serve a cultura quando fazemos (ou não podemos fazer) a Revolução». In *Encontro de intelectuais pela soberania dos povos de nossa América*. São Paulo, Hucitec, 1982.
- GRAMSCI, A. – *Os intelectuais e a organização da cultura*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1978.
- GRAMSCI, A. – *Concepção dialética da história*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1978.
- HORKHEIMER, M. e ADORNO, T. – «O iluminismo como mistificação das massas», In *Teoria da Cultura de Massas*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1978, pp. 159-208.
- LINS DA SILVA, C. E. – «Indústria Cultural e cultura brasileira: pela utilização do conceito de hegemonia cultural», In *Encontros com a Civilização Brasileira*, v. 25, julho de 1980, pp. 167-194.
- LINS DA SILVA, C. E. – «A comunicação populista de Aluizio Alves. Rio Grande do Norte, 1960-1980», In *Populismo e Comunicação*, São Paulo, Cortez, 1981.
- LINS DA SILVA, C. E. – *Em busca do voto perdido: os meios de comunicação na tentativa de restaurar um pacto populista*. Natal, Coojornat/Adurn, 1982.
- LINS DA SILVA, C. E. – «Jornalismo e ecologia», *Comunicação e Sociedade*, n. 7, março/1982, pp. 51-63.
- LINS DA SILVA, C. E, FADUL, A. e SANTORO, L. F. (orgs.) – *Comunicação, Hegemonia e Contra-informação*, São Paulo, Cortez/INTERCOM, 1982.
- LINS DA SILVA, C. E, FADUL, A. e SANTORO, L. F. – «Documento básico do IV Ciclo de Estudos Interdisciplinares da Comunicação», In *Comunicação, Hegemonia e Contra-informação*, São Paulo, Cortez/INTERCOM, 1982.

- LINS DA SILVA, C. E. «Comunicação, Hegemonia e Contra-informação», LINS DA SILVA, C. E., FADUL, A. e SANTORO, L. F. (orgs.) – *Comunicação, Hegemonia e Contra-informação*, São Paulo, Cortez/INTERCOM, 1982.
- LINS DA SILVA, C. E. e FESTA, R. (orgs.) – *Comunicação popular e alternativa no Brasil*, São Paulo, Paulinas, 1986.
- LINS DA SILVA, C. E. – «As brechas da indústria cultural brasileira», In LINS DA SILVA, C. E. e FESTA, R. (orgs.) – *Comunicação popular e alternativa no Brasil*, São Paulo, Paulinas, 1986.
- LINS DA SILVA, C. E. – *Muito além do Jardim Botânico – um estudo sobre a audiência do Jornal Nacional da Globo entre trabalhadores*, São Paulo, Summus, 1985.
- LINS DA SILVA, C. E. – «Romantismo e Industrialização», In *Seminário de Jornalismo*, São Paulo, Folha de S. Paulo, 1986.
- LINS DA SILVA, C. E. – «A experiência de implantação do 'Jornal do Campus'», In MARQUES DE MELO, J. e LINS DA SILVA, C. E. (orgs.) – *Jornalismo Laboratorial na Universidade de São Paulo, Brasil: projetos pioneiros*. Série Ensino, São Paulo, ECA/USP, 1987. (Relatório publicado originalmente na Série «Documentos CJE», n. 1, São Paulo, ECA/USP, 1985).
- LINS DA SILVA, C. E. – *Mil Dias – análise das mudanças no processo de produção da Folha de S. Paulo durante a implantação do 'Projeto Folha' (maio/1984-fevereiro/1987)*. São Paulo, ECA/USP, 1987. (Tese de livre-docência).
- LINS DA SILVA, C. E. – *Memorial de atividades científicas, didáticas, culturais e profissionais*. Escola de Comunicações e Artes da USP, 1987, 200 p. (Relatório)
- LINS DA SILVA, C. E. – *O Adiantado da Hora: a influência americana sobre o jornalismo brasileiro*, São Paulo, Summus, 1991.
- LINS DA SILVA, C. E. – *Perfis de Jornalistas*, São Paulo, ECA/USP, 1991.
- MARQUES DE MELO, J. – *Teoria da Comunicação: Paradigmas Latino-americanos*. Petrópolis, Vozes, 1998.
- MATTELART, A. – *Frentes Culturales y Movilización de Masas*. Barcelona, Anagrama, 1977.
- MATTELART, M. e PICCINI, M. – «La televisión y los sectores populares», *Comunicación y Cultura*, n. 2, 1978, pp. 3-76.
- MATTELART, M. e A. *De l'usage des médias en temps de crise*. Paris, Alain Moreau, 1979.
- MATTELART, M. «Chile: political formation and critical reading of television», In MATTELART, A. e SIEGLAUBE, S. (eds.). *Communication and Class Struggle: Liberation, Socialism*. Londres, IG e IMMRC, 1983, pp. 75-83.
- OLIVEIRA, F. de. *Nordeste, anos setenta: as hostes errantes* (inédito), 1980.
- ROBERT, Donald F. «The Nature of Communication Effects», In SCHRAMM, W. e ROBERTS, D. (eds.), *The Process and Effects of Mass Communication*, Urbana, University of Illinois Press, 1971.
- RUBIN, David & SACHS, David. *Mass Media and the Environment: Water Resources, Land Use and Atomic Energy in California*. New York, Praeger, 1973.
- SCHRAMM, Wilbur. *Men, Messages and Media: A Look at Human Communication*, New York, Harper and Row, 1971.
- TIOLENT, M. *Crítica Metodológica, Investigação Social e Enquete Operária*. São Paulo, Polis, 1980.